

## CONTAR ÀS FLORES

Tudo de sua vida, medos, decepções, culpas e alegrias, contava a elas. Tinha medo de que se não o fizesse, não voltariam a embelezar o jardim. Uma das avós informara da necessidade de alimentar as flores com notícias, além de água e adubo. Tradição antiga da família.

Os pais, depois os irmãos, riam daquele hábito peculiar de segredar acontecimentos ao jardim, por entre lágrimas e sorrisos, em gestos dramáticos ou simplesmente como se estivesse em oração perante um altar.

“Essa, os crisântemos saberão...”, dizia a mãe, rindo-se, após a novidade da terceira gravidez. “O que as hortênsias acharão do fato?” O pai perguntava divertido, assim que comprou o tão sonhado automóvel. “Conte com cuidado... Bromélias são muito sensíveis”, uma madrinha aconselhou, após a morte da avó.

Herdou a casa com o jardim. Nunca se casou, nunca teve filhos, aliás, nada fez além de cuidar dos pais idosos, ler e conversar com as flores. Os irmãos, todos homens, tiveram pena e deixaram-na lá até o fim da vida.

Quando a tia morreu, os sobrinhos herdaram a propriedade fora de moda: o sobrado do século passado tomado por um jardim que parecia ter vida própria e que precisavam inspecionar. Caminharam pelo quintal, como há muito não faziam. Mal visitavam a falecida e esquisita tia, que não se importara com coisas de real valor. Apenas enraizara junto com suas flores, enquanto todos se desprenderam da árvore familiar.

Estranhamente, o barulho da avenida não conseguia transpor o emaranhado de caules, galhos, espinhos, folhas e rosas em que o quintal se transformara. Um silêncio incômodo e uma brisa irritante ventilavam o extenso espaço colorido. Era como se a vida lá fora perdesse a força e só a imutabilidade pudesse existir ali.

O sinal do celular não chegava, portanto, tiveram de se olhar, de sorrir, de conversar. Mas, não durou muito, porque o nervosismo de não poder mergulhar nas imagens e ruídos tecnológicos tornou-se insuportável. Saíram rápido, justificando obrigações.

Venderam o terreno, deceparam os caules, pisotearam as flores, demoliram o sobrado e por fim, construíram um arranha-céu que combinava perfeitamente com as ruas largas e barulhentas do bairro.

O hábito da tia foi esquecido já que nada significou para os descendentes. Não tinha um lugar na história daquela geração de pessoas bem-sucedidas. Não fazia qualquer sentido para eles. Contar às flores era como conversar com parentes, uma perda de tempo afinal.

Contar às flores era como ler livros de poesia, deixar a natureza intocada, sentar-se em um banco de praça sem nada para fazer, tomar banho de chuva, ou de mar, balançar em uma rede, admirar as estrelas... inutilidades que apenas atrasavam os passos da humanidade rumo ao futuro.

**Ana Cláudia Trigueiro**